
As origens do *Coojournal*: uma análise dos boletins da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre¹

Rafael GLORIA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar as principais características temáticas dos boletins do *Coojournal*, que englobam as oito primeiras edições (1975-1976) do periódico alternativo. A *Coojournal* foi a primeira cooperativa de jornalistas do país e introduziu o modelo de organização cooperativa para uma área segmentada como o jornalismo no Brasil. O *Coojournal*, sua principal publicação, circulou oito anos (1975-1983) e marcou época pelas grandes reportagens de cunho político em uma época de censura durante a ditadura civil-militar. A abordagem metodológica foca na análise de conteúdo, com o intuito de identificar os principais temas desse período. A fundamentação tem como base a história cultural. Observamos que, de modo geral, o boletim serviu como um grande laboratório para o que viria a ser o mensário de reportagens que ganhou notoriedade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Jornalismo Alternativo; *Coojournal*.

1. Introdução

Os jornais alternativos da década de 1970 caracterizaram-se principalmente por uma oposição direta ao regime instaurado e à violação aos direitos humanos durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Muitos deles desempenharam um papel fundamental na luta contra a censura e tem sua importância reconhecida nas pesquisas sobre a história do jornalismo brasileiro. O *Coojournal*, criado no Rio Grande do Sul em 1975, editado pela primeira cooperativa de jornalistas do país, e que teve sua circulação até 1983, é um desses periódicos expoentes do período.

Ainda que na metade final da década de 1970, no governo de Ernesto Geisel, tenha começado a abertura política, o período foi marcado pela forte realidade ditatorial, pela censura e pela tortura. Os jornais alternativos cobravam a restauração da

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Pós Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, e-mail: rafaelgloria@gmail.com.

democracia e o respeito pelos direitos humanos, até mesmo na época do milagre econômico, em que o discurso do governo triunfava e era ecoado pelos grandes jornais (KUCINSKI, 1991).

Chinem (1995) ressalta a oposição intransigente ao regime militar no Brasil que caracterizava esses periódicos. O movimento alternativo contou com publicações de diferentes estilos e propostas, algumas mais voltadas para a discussão política propriamente dita, outras com enfoque cultural, dedicadas ao diálogo com os grupos minorizados ou à crítica ao cerceamento que limitava as expressões artísticas. O que as unia e fazia desse grupo heterogêneo um conjunto afinado era a oposição ao autoritarismo e a luta pelo retorno da democracia.

O protagonismo do *Coojournal* deve-se a uma série de fatores, mas merece destaque o grupo que o produzia - a cooperativa de jornalistas de mesmo nome, criada em 1974. Tratou-se de uma alternativa para enfrentar a competitividade do mercado, que acabou inspirando projetos parecidos pelo Brasil. No dia 23 de agosto de 1974, em assembleia realizada no salão nobre da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), 66 profissionais formalizaram a constituição da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e definiram seus objetivos: “enfrentar o problema do restrito mercado de trabalho e perseguir o sonho do jornal próprio. Os novos associados integralizaram as cotas-partes de pagamentos mensais que sustentariam os primeiros tempos da nova organização” (BONES, CENTENO, GUIMARAENS, 2011).

A cooperativa dedicou-se inicialmente a boletins empresariais, mas teve no *Coojournal*, lançado em 1975, sua publicação mais marcante. Era o sonho do jornal dos jornalistas, de um espaço em que poderia ser publicado tudo aquilo que era censurado na grande imprensa - muitas vezes antes mesmo de chegar ao censor, em um processo de autocensura que envolvia desde a direção dos jornais até os repórteres.

Ao se consolidarem com publicações para terceiros, e assim conseguirem uma situação financeira favorável, os integrantes da cooperativa lançaram o boletim *Coojournal*, o embrião do que mais tarde se transformaria no mensário de reportagens, e que já trazia em sua primeira edição uma espécie de texto editorial com seus objetivos: “A imprensa brasileira, e conseqüentemente a gaúcha, está entrando em uma fase de

grandes transformações em função de uma série de fatores. E a Coojournal como entidade que congrega quase duas centenas de profissionais gaúchos, basicamente preocupados com a saúde da imprensa e da função jornalística, quer tomar parte nesta mudança, discutindo, analisando, informando, criticando” (*Coojournal*, novembro de 1975).

2. Metodologia

No sentido de compreender e caracterizar essa primeira fase do *Coojournal*, este artigo quer identificar os principais temas abordados, a partir da leitura completa das oito edições. A abordagem metodológica consiste, primeiramente, então, na proposta de Bardin (1977), que prevê três polos cronológicos de trabalho: a) Pré-análise; b) Exploração do material; e, por fim, c) Tratamento dos resultados a partir da inferência e da interpretação. Dividimos então nos seguintes segmentos:

a) *Pré-análise*: Para compreender quais são as principais temáticas desta primeira fase do Coojournal, escolhemos ler todos os textos destacados nas capas das oito edições em formato boletim, incluindo-se aí as cartas e os cartuns.

b) *Exploração do material*: Averiguamos os oito boletins da coleção digitalizada do Coojournal pelo Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação, da Pucrs, para a catalogação e análise do material dessa primeira fase. Neste momento, realizamos o fichamento de todos os textos a partir da catalogação dividida em seis tópicos: Jornalismo, Cooperativa, Cartuns, Cartas, Universidade e Defesa do Consumidor.

c) *Tratamento dos resultados obtidos e interpretação*: Foi submetido a essa categoria de análise um corpus de 71 textos, incluindo-se aí também os cartuns e as cartas. Em um primeiro momento, nossa estratégia de organização foi separar os textos em duas áreas. A primeira foi em Reportagens, Colunas e Notícias de Capa, que incluiu as chamadas para esses segmentos dentro das temáticas Jornalismo, com 35 textos; Universidade, com quatro textos; Cooperativa, com três textos; e Defesa do Consumidor; com um texto. A segunda foi em Outros Gêneros na Capa, que inclui as Cartas, com 27 aparições, e um cartum.

3. Análise dos boletins da Cooperativa dos Jornalistas

Sendo o objeto de pesquisa um jornal, torna-se importante localizá-lo como uma materialidade do passado. Em suas páginas, desenvolveram-se narrativas, registraram-se discursos e abrigaram-se acontecimentos de determinado lugar, em determinado tempo. Nesse sentido, como memória e construção de narrativas estão intrinsecamente vinculadas, pode-se estabelecer uma relação entre a construção da memória e a mídia. Para Marialva Barbosa, jornais, revistas, periódicos de diversas naturezas são frequentemente referenciados atualmente porque o olhar dos historiadores multiplicou a possibilidade de enxergar nos mais variados vestígios do passado aberturas em relação aos tempos idos para atestar a existência de múltiplos processos.

Nos anos de convivência com a história, aprendi que há mais correlações entre ela e a imprensa, ou, para ser mais ampla, entre os meios de comunicação e o seu estudo, do que inicialmente supunha. Exacerbando essa constatação, posso afirmar que fazer história é recolocar em cena atos comunicacionais do passado. O que buscamos, ao nos referir aos velhos tempos, é remontar as ações narrativas dos homens e mulheres que viveram em momentos particulares e que, aparentemente, são estranhos ao nosso olhar de hoje. (BARBOSA, 2010, p.17)

Para propor uma construção da história dos meios impressos é preciso, então, encontrar os indícios e rastros: as textualidades de uma época. Este artigo, então, demonstra a primeira etapa dessa busca, procurando nas próprias páginas do impresso, os vestígios da publicação. Também realizaremos para a dissertação entrevistas com profissionais da publicação a partir da História Oral a fim de relacionar com os indícios retirados da análise do impresso.

No dia 15 de novembro de 1975, começava a circular o boletim da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, o *Coojornal*, que trazia algumas das características do jornalismo realizado pela cooperativa criada cerca de um ano antes, em agosto de 1974. Ficava bem claro, na capa da primeira edição, a presença de alguns temas que se tornaram frequentes, como a preocupação com a informação crítica do que acontecia na imprensa local, e também nacional; o ensino nas faculdades de jornalismo da cidade,

com notícias sobre a qualidade das aulas e votações de diretórios acadêmicos; e questões sobre a própria cooperativa, pois tratava-se, nesta primeira fase, de um veículo dirigido principalmente para jornalistas, cooperativados e estudantes de jornalismo.

3.1 Reportagens, Colunas e Notícias de Capa

Levamos em conta aqui, como reportagens, o gênero que busca informar e trazer diferentes fontes e depoimentos para a matéria, a fim de explorar com mais profundidade um assunto. As colunas costumam ser assinadas e emitem opiniões sobre o mercado jornalístico. As notícias ou pequenas notas são acontecimentos de caráter mais temporal ou imediato.

3.1.1 Jornalismo

O jornalismo é o tema central nesse primeiro momento do *Coojournal*. A partir das leituras, fica evidente a permanente discussão sobre o fazer jornalístico e o questionamento sobre o atraso das empresas jornalísticas no Rio Grande do Sul. O debate sobre o papel da imprensa seria um dos núcleos constantes dentro da questão do Jornalismo. Já na manchete da capa da primeira edição (*O jornalista entre sua ética e os interesses da empresa*) é repercutida a realização de um seminário em Porto Alegre sobre a temática.

O impasse do jornalista latino americano conseguir que a comunicação seja um instrumento de toda a sociedade e não um instrumento de diálogo entre grupos de poder foi tema de debate entre os especialistas que participaram em Porto Alegre no mês de agosto do IV Encontro Internacional de Estudos de Jornalismo para a América Latina. A conclusão da maioria dos participantes do Encontro: O jornalista profissional na maioria dos países da América Latina obedece quase sempre a ética da empresa onde trabalha e não da sua própria (*Coojournal*, novembro de 1975)

Nada mais coerente que já na primeira edição aconteça uma discussão sobre ética no jornalismo, de forma crítica, uma vez que esses jornalistas estavam tentando sair de um formato de empresa jornalística para um formato coletivo de exercer o jornalismo. Em uma dimensão maior, essa manchete sintetizava o dilema ao exercício da profissão, especialmente naqueles tempos (BONES, CENTENO, GUIMARAENS, 2011).

Dentro do debate da imprensa, há também as questões noticiosas sobre a programação e novas investidas de veículos gaúchos, como a notícia *TV Guaíba: em outubro a nova imagem no ar*, que evidencia uma das transformações no jornalismo gaúcho da época: a entrada de maior conteúdo local para a televisão. Nessa mesma esteira, o boletim comentava também as novidades apuradas, funcionando como um verdadeiro informativo para profissionais da mídia. Nesse sentido uma das maiores influências também na conjuntura econômica e social da época no boletim são as grandes empresas de jornalismo do Rio Grande do Sul, apesar de o *Coojournal* ser considerado um dos grande expoentes do jornalismo alternativo do Brasil. Apesar de ter o foco local nas novidades e notícias sobre a imprensa, o boletim também trazia informações com destaque do que aconteceria em outras regiões do país. Principalmente em grandes publicações como nas notícias *Isto é: nova revista dos que saíram da Veja circula em maio*, da edição número 4, e *Dois meses depois da saída de Mino Carta, a Veja sem censura prévia*, da edição número 6. Mais do que coincidência, o nome do jornalista Mino Carta está presente nas duas notícias, o que também mostra uma influência intelectual para os jornalistas da Cooperativa por sua experiência em publicações inovadoras no Brasil.

Outro tópico ainda explorado dentro da temática imprensa é a questão feminista e que estava em discussão nos anos 1970 em consonância, dessa forma, com a conjuntura política e social de resistência. O boletim traz notícias dentro da questão jornalística e da imprensa com destaque em duas chamadas de capa. A primeira é *Uma redação com 35 feministas*, da quinta edição, que leva a uma notícia sobre um novo jornal em regime cooperativo chamado *Nós Mulheres*, de São Paulo.

O jornal é feito por um grupo jovem de 35 mulheres em que cada uma contribui com uma devida quantia de dinheiro e lutam pela emancipação da sociedade como um todo, porém a luta da mulher é uma luta específica (pela própria opressão do sexo) (*Coojournal*, maio de 1976)

As páginas do boletim também se dedicavam a noticiar novos veículos tanto na mídia hegemônica como na mídia alternativa, essa última era nada mais do que uma reação ao processo sufocante de censura no ambiente das redações dos grandes jornais.

A quinta edição, de maio de 1976, é ilustrativa dessa tendência, na capa há o destaque para a notícia *Um novo jornal em Pelotas*, que leva a nota interna informando sobre o lançamento de um novo jornal na cidade de Pelotas, chamado *Gazeta Pelotense*, que vai concorrer com o jornal *Diário Popular*. Algumas páginas depois está a notícia *Dois nanicos gaúchos: Lampião e O Terço*, que traz duas entrevistas com os responsáveis pelas publicações alternativas, ou nanicas. Entretanto, essa notícia não tem destaque na capa do boletim. Apesar do viés alternativo, o *Coojornal*, muitas vezes, nesse primeiro momento acabava dando mais destaque para os grandes veículos. Vale ressaltar que o boletim, assim como toda a *Coojornal* foi também um grande processo de aprendizagem. Esses jornalistas estavam muitas vezes saindo dos grandes jornais e fundando os “nanicos”, ampliando a mídia alternativa, e buscando fazer um jornalismo sem amarras e sem censura.

A cobertura crítica à mídia nesse período também pode ser associada ao caso do incêndio do edifício das Lojas Renner ocorrido na tarde de 27 de abril de 1976, em que mais de quarenta pessoas morreram e cerca de sessenta ficaram feridas. O boletim fez uma abordagem da cobertura jornalística sobre o caso também na quinta edição, de maio de 1976, um mês depois do acontecido. O título da notícia com chamada na capa é *Rádio: uma boa vitória da reportagem*, e elogia a cobertura da Rádio Gaúcha sobre a tragédia, dando louvor à quantidade de repórteres que a empresa disponibilizou para noticiar o ocorrido e o contato com o público que também trazia informações para os jornalistas.

O boletim também trata com muito destaque em suas manchetes de capa sobre o que acontece com os profissionais da comunicação, quase sempre jornalistas e quase sempre em condições de demissão do trabalho. Como fica claro já na manchete da segunda edição, *Os salários estão caindo. E não há vagas. Está é a situação em Porto Alegre*. a primeira edição, há também um grande destaque para as demissões no jornal *Folha da Manhã*, importante na trajetória do *Coojornal*, pois muitos jornalistas que fizeram parte da Cooperativa tiveram experiência anterior neste periódico. O boletim traz uma lista dos demitidos, ou que pediram demissão, e afirma que a causa foi a demissão do então secretário Osmar Trindade por “divergências em torno de uma

matéria publicada no jornal”. Esse profissional também fazia parte da Cooperativa, sendo fundamental para o sucesso do mensário *Coojournal*. Na terceira edição, é a vez do destaque para as demissões no jornal *Diário de Notícias*, com a nota estampada na capa Diário demite sete jornalistas.

Sete jornalistas do *Diário de Notícias* foram demitidos a partir do dia 19 de fevereiro porque reclamaram na justiça do Trabalho o não recolhimento por parte da empresa do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. A direção dos Diários e Emissoras Associados não apresentou o motivo, mas segundo o presidente dos Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, João Borges de Souza, em ofício encaminhado à delegacia regional do trabalho, “pela coincidência de terem sido demitidos funcionários que estão reclamando o que a Lei lhe assegura, está caracterizada a represália” (*Coojournal*, Fevereiro de 1976)

Com tanto destaque de capa para as demissões de jornalistas, fica evidente que uma das características do boletim é também a defesa da classe dos jornalistas, divulgando informações que antes poderiam ficar desconhecidas dos colegas, uma vez que o boletim era uma publicação de circulação dirigida, e destinada, nesta fase, para jornalistas, estudantes de jornalismo e profissionais da comunicação, de modo geral. Fica também clara a postura de apoio ao sindicato dos jornalistas. A notícia *Os jornalistas se queixam dos maus salários, mas na hora da briga ninguém fica do lado do sindicato*, da terceira edição, traz a informação de que apesar dos jornalistas desejarem uma melhor condição profissional, poucos participavam das reuniões de dissídio do sindicato.

É interessante também o sentido de valorização de profissionais da área do jornalismo que o boletim configura. Por exemplo, o espaço dado em uma entrevista para o jornalista Newton Carlos, praticamente uma página inteira, na matéria *Newton Carlos, nosso melhor comentarista internacional fala do seu trabalho*. Trata-se de uma longa entrevista em texto corrido, em que são destacados vários pontos da trajetória do jornalista, que naquele momento trabalhava na Folha de São Paulo. Certamente, uma influência intelectual também para os jornalistas da Cooperativa, assim como o já citado Mino Carta. É possível observar essa valorização profissional junto à própria equipe da Cooperativa, com uma manchete de capa intitulada *Os fotógrafos e as fotografias nos nossos jornais*, da quarta edição.

3.1.2 Universidade

O Coojornal explora também com espaço considerável o ensino do jornalismo nas faculdades, e nos ajuda a compreender uma das principais transformações da conjuntura social para o boletim na época em uma cidade ainda de caráter provinciano em termos estruturais e culturais como Porto Alegre: a profissionalização do jornalismo. Já na primeira edição uma das chamadas é justamente focada na qualidade do ensino e aponta uma crítica à faculdade de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS): *Estudantes buscam saídas para o ensino na PUC*. Os alunos propuseram uma reunião com os professores e com os estudantes para levantarem tópicos a melhorar no curso. Após muito insistirem, conseguiram a reunião.

O resultado de duas horas e meia de debates foi promessas de estudantes assumindo maiores responsabilidades sobre seu curso. A ideia de cursos paralelos e dos centros de estudos ganharam adeptos suficientes para serem postos em prática. E, uma terceira sugestão, a criação de um jornal desde o primeiro ano da faculdade, que favorecia principalmente os autores da iniciativa do encontro: os bixos, alunos que recém entraram na faculdade (*Coojornal*, Nov 1975).

Interessante notar que a mesma discussão volta com destaque na capa na quinta edição, desta vez abrangendo também a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na notícia *Estudantes não se entendem sobre seus jornais*. Se antes os estudantes estavam tentando ter mais participação no curso, agora a reclamação era que os “jornais-escola” não exigiam o conhecimento prático necessário para o aprendizado. Por dar espaço a notícias de âmbito universitário e de ensino do jornalismo, entrevistando professores e alunos, fica evidente a forte ligação dos universitários com a cooperativa, que valorizava o diploma universitário. Os boletins também circulavam nos diretórios acadêmicos das faculdades, e os próprios alunos, alguns estagiários na Cooperativa, faziam a distribuição.

3.1.3 Cooperativa

Cooperativa ocupa uma parte fundamental no conjunto de temas dessa primeira fase do Coojornal. Incluem-se aí as novidades de cunho informativo sobre os novos

projetos, notas que divulgam o que foi decidido em reuniões, uma vez que não eram todos os cooperativados que participavam, e também uma discussão sobre a questão do cooperativismo. Entretanto, o que ganha destaque nas capas do ainda boletim são três chamadas, sempre lembrando que o grupo estava preparando o seu jornal, que viria a se tornar o mensário *Coojournal*.

Já na primeira edição, há a chamada *Cooperativa começa a preparar o seu jornal (sem segredos)*, que traz um pequeno resumo de como foi a reunião de formação da cooperativa e os planos para o futuro. É interessante frisar também como, já na primeira edição do boletim, há o aviso de que está em planejamento o jornal da Cooperativa, então, pode-se inferir que o boletim não era visto como um jornal, um veículo próprio, mas sim como um informativo, como uma espécie de laboratório para discutir questões de forma analítica ligadas ao jornalismo no Rio Grande do Sul.

Este boletim surge no momento em que a *Coojournal* começa a planejar o seu veículo próprio, que será um semanário informativo com ênfase em análise e interpretação. Visa manter os associados em dia com todas as atividades da cooperativa, especialmente com esse processo que vai se desenvolver até fins de março, abril, quando circulará o jornal. Mas não vai ficar só nisso. A imprensa brasileira e conseqüentemente a gaúcha está entrando numa fase de grandes transformações em função de uma série de fatores. E a *Coojournal* como entidade que congrega quase duas centenas de jornalistas, basicamente preocupados com a saúde da imprensa e a função do jornalismo, quer tomar parte nessa mudança, discutindo, analisando, informando, criticando. (*Coojournal*, novembro de 1975)

Importante notar como este texto informativo - e quase editorial, por apresentar a postura que o boletim vai seguir - também acaba revelando que o plano inicial não conseguiu ser realizado: o de lançar em breve um semanário aprofundado de reportagens. O que só aconteceria um ano depois, quando o *Coojournal* em periodicidade mensal e não semanal, começaria a ir para as bancas.

A oitava edição, última em formato boletim, datada de agosto e setembro de 1976, é destinada a comemorar os dois anos da cooperativa e traz vários depoimentos de profissionais de diversas áreas, como repórter, editor, fotógrafo, comercial, administração, circulação, etc. Também volta o tópico do jornal mensal que a Cooperativa lançaria no mês seguinte. Essa edição especial merece mais detalhamento, pois é possível perceber o espírito do coletivo de jornalistas contido nos depoimentos e experiências dos escolhidos para falar sobre os dois anos da cooperativa.

3.1.4 Defesa do consumidor

A discussão sobre o consumo também marca a fase boletim do Coojornal, principalmente abordando a defesa da qualidade de informação de produtos e serviços em veículos de comunicação. O tema aparece com destaque na capa da quarta edição, quando foi entrevistado Frederico Mottola, presidente da Associação de Defesa do Consumidor à época. Trata-se de uma matéria de duas páginas com uma grande entrevista que girou sobre o papel da imprensa e da publicidade na defesa do consumidor. Mais uma vez com um viés forte do jornalismo a partir da questão, uma vez que o foco da associação era justamente trabalhar para uma melhor contribuição dos jornais e das agências de publicidade a partir da conscientização do seu público.

Na sexta edição, de junho de 1976, há notas sobre a movimentação das agências de propaganda de Porto Alegre e textos curtos mais críticos, sobre alguns comerciais veiculados em televisão. A nota *De Shakespeare aos espigões* traz a informação de que alguns comerciais de TV da época estavam oferecendo a presença de três atores famosos do teatro brasileiro para prestigiar as suas marcas. São eles: Walmor Chagas, Procópio Ferreira e Paulo Autran. Embora pouco explorada no periódico, essa espécie de análise de comerciais encontra espaço no Coojornal. Isso se dá em função de um núcleo de publicidade existente na cooperativa

3.2 Reportagens, Colunas e Notícias de Capa

Após a leitura de todo o material, chegamos a duas diferentes categorias que englobam e caracterizam essa primeira fase do *Coojornal* dentro da perspectiva Outros Gêneros de Capa. Levamos em conta aqui as cartas e um cartum.

3.2.1 Cartas

São 27 cartas publicadas na capa ao longo das oito edições do boletim, sempre com bastante destaque - aparecem, normalmente, ao longo da coluna da esquerda ao lado da foto. Elas trazem colaborações de leitores, críticas e sugestões enviadas por

cooperativados e também servem como espaço para a discussão de polêmicas da época, envolvendo matérias jornalísticas publicadas por veículos de imprensa do Rio Grande do Sul.

Se vivemos em um momento em que cada vez mais a participação do público, seja em qualquer plataforma, é incentivada, naquela época muitas pessoas queriam um espaço para falar e não tinham, ainda mais com a censura do regime militar. Aqui, no sentido de espírito da cooperativa, era enfatizado em notas ao longo do boletim que os leitores enviassem suas sugestões e colaborações.

No espaço das cartas, também aconteceu uma discussão em torno de uma matéria sobre soja na TV Gaúcha que acabou resultando na demissão de 12 profissionais. O problema é que a empresa não teria pago os cinegrafistas para fazer a matéria e, então, os jornalistas resolveram não colocá-la na programação. O *Coojornal* trouxe um artigo criticando essa decisão da empresa na edição quatro, de maio de 1976, escrito por Osmar Trindade, o responsável pelo programa *Campo e Lavoura*, em que seria veiculada a reportagem - esse jornalista também foi um dos demitidos. Na quinta edição, foi publicada uma carta com resposta da emissora, assinada por Fernando Miranda, na época Gerente Executivo, da TV Gaúcha:

Suas ponderações de que a produção deste programa estaria “fora das atribuições do pessoal, além de ser um programa vendido para um cliente, ou seja, nitidamente comercial”, são bastante estranhas: qualquer programa jornalístico produzido por uma emissora de TV é, e só poderia ser, de responsabilidade de seu Departamento de Telejornalismo. E uma emissora comercial vive da receita de veiculação de publicidade (*Coojornal*, maio de 1976³)

Na sexta edição, a de junho de 1976, houve ainda a réplica de Osmar Trindade.

Na carta do diretor da TV Gaúcha, Fernando Miranda, publicada neste veículo mês passado, vê-se que alguns dirigentes da televisão assimilam com facilidade os seus critérios. Auto-intitulando-se senhor das informações corretas, Miranda se propôs a informar sobre a veracidade dos fatos. No máximo, deu a sua versão sobre o episódio. Uma versão que, obviamente, teria que ser favorável à empresa que ele representa. (*Coojornal*, junho de 1976⁴)

³ “Carta - Soja Falsa”, autoria de Fernando Miranda, 5ªEdição, pág 1.

⁴ “Carta - Sem título”, autoria de Osmar Trindade, 6ªEdição, pág 1.

E, com o conjunto de cartas, também é possível compreender o perfil de leitores da época do boletim: a maioria são de profissionais da Comunicação, de jornalistas, estudantes de jornalismo, e pessoas interessadas com a proposta da cooperativa. Percebe-se também o perfil da publicação voltada à reflexão do que acontecia no cenário jornalístico da época, dando espaço às diferentes versões de episódios polêmicos do mercado, aberta a receber elogios e também críticas sobre o conteúdo e o posicionamento editorial. Além disso, também reforçando a ideia de colaboração e de transparência com os leitores, alguns dos princípios do cooperativismo

3.2.2 Cartum

Os cartuns servem, muitas vezes, como um complemento para as notícias do boletim, fornecendo uma interpretação mais crítica. Segundo Joaquim da Fonseca, o cartum é “um desenho caricatural que apresenta uma situação humorística, utilizando ou não legendas em, contraposição à charge, é atemporal e é universal, pois não se prende necessariamente aos acontecimentos do momento” (1999, pág. 26). Nesta primeira fase do *Coojournal*, os nomes mais frequentes eram Edgar Vasques, José Guaraci Fraga, Cláudio Levitan, Sérgio Batsow, Neltair Abreu (Santiago), Virson Holderbaum, Ronaldo Westermann e Edson Kozminski. Na última edição do boletim, a capa é o cartum *280 sem patrão*, que traz uma longa canoa com várias pessoas remando ao mesmo tempo, simbolizando o espírito da cooperativa. É o primeiro cartum em uma capa do *Coojournal* e é assinado por Fraga.

Nesta capa, há também uma espécie de texto editorial que comenta sobre o sucesso do boletim e que no próximo mês, outubro de 1976, aumentaria o número de páginas, chegando a um total de 28, e com dez mil exemplares de tiragem, sendo vendido também em bancas. Ainda segundo informações da notícia, no novo jornal agora haveria mais espaço para o humor, com quatro páginas editadas em uma seção chamada Quadrão, comandada por Guaraci Fraga e Edgar Vasques. Colocar um cartum na capa também é uma forma de valorizar o trabalho dos cartunistas e expandir as características gráficas do impresso.

O desenho humorístico na imprensa é também um documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno estético, como expressão artística literária, ou como simples forma de diversão e passatempo (FONSECA, 1999). Foi uma ferramenta importante que mesmo sob as condições severas de censura, usando a linguagem metafórica, subversiva e irônica, conseguiu denunciar e criticar o sistema.

4. Considerações finais

É possível então identificar uma primeira fase do periódico *Coojournal* de forma clara: ela engloba os oito primeiros boletins e tem como características principais observadas em suas páginas justamente a discussão sobre as transformações que o jornalismo passava na época, como a profissionalização das redações; as mudanças em busca de uma organização coletiva que provocasse um outro modelo de jornalismo, a cobertura crítica da mídia e a formação de uma rede de colaboradores que começou a se reunir em torno dessa ideia atrativa de liberdade e independência. Trata-se também de uma cobertura de âmbito local principalmente.

As movimentações de um jornalismo alternativo também decorrem de um período de resistência à censura nas grandes redações. A época em que surgiu a Cooperativa, e em seguida o boletim, era considerada o começo da abertura “lenta, segura e gradual”, mas o clima na redação dos jornais era o da completa auto-censura e da falta de liberdade. As páginas do boletim traziam uma discussão sufocada para esses jornalistas da grande imprensa e que não era encontrada em mais nenhum outro local naquela época, pelo menos em Porto Alegre. Por isso, seu sucesso de circulação foi rápido, saltando de cerca de mil exemplares para quatro mil na última edição e incentivando a criação do mensário de reportagens.

Nesse primeiro momento, o jornal não trazia denúncias contra o regime ditatorial - as influências, de modo geral, na conjuntura econômica e social da época no boletim são as grandes empresas de jornalismo do Rio Grande do Sul, principalmente, noticiando muitas vezes de forma crítica as suas novidades - apesar de o *Coojournal* ser considerado um dos grandes expoentes do jornalismo alternativo do Brasil. É

interessante frisar também como na primeira edição, em um texto muito semelhante a um editorial, o grupo avisa que estava planejando o jornal da Cooperativa, então, pode-se inferir que o boletim não era visto como um jornal, um veículo próprio, mas sim como um informativo, como uma espécie de laboratório para discutir questões de forma analítica ligadas ao jornalismo no Rio Grande do Sul.

Entre os temas discutidos nesse período, destaca-se a análise crítica do jornalismo realizado no Brasil, principalmente com foco no Rio Grande do Sul, e Porto Alegre. O ensino do jornalismo nas universidades, a busca por um ideal cooperativo, a questão da defesa do consumidor e a valorização de profissionais do ramo, principalmente os fotógrafos e os cartunistas são também tópicos que ganham espaço. As cartas demonstram essa inquietação do veículo em tentar se aproximar dos leitores e os cooperativados. Já os cartuns são quase que um caso à parte, fomentando a crítica a imprensa e as grandes empresas de comunicação.

O boletim, então, foi esse espaço para as dúvidas e aflições dos jornalistas que tentavam entender o que estavam fazendo com a cooperativa e como poderiam realizar um trabalho de modo independente e sem amarras. Um laboratório, um refúgio, de jornal que se encontrou no tempo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONES, Elmar; CENTENO, Ayrton Centeno; GUIMARAENS, Rafael. **Coojournal: Um jornal de jornalistas sob o regime militar**. Porto Alegre; Ed: Libretos, 2011.

FONSECA, da Joaquim. **Caricatura - A imagem gráfica do humor**. Artes e Ofícios, Porto Alegre, 1999.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991